

# DA INFLUÊNCIA FRANCESA À NORTE-AMERICANA: ANÁLISE DA BLITZKRIEG NA REVISTA A DEFESA NACIONAL (1936-1944)

FROM FRENCH TO US INFLUENCE: BLITZKRIEG ANALYSES IN THE JOURNAL "A DEFESA NACIONAL" (1936-1944)

DE LA INFLUENCIA FRANCESA A LA NORTE-AMERICANA: ANÁLISIS DEL BLITZKRIEG EN LA REVISTA LA DEFENSA NACIONAL (1936-1944)

JOÃO RAFAEL GUALBERTO DE SOUZA MORAIS<sup>1</sup>  
VÁGNER CAMILO ALVES<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as publicações sobre doutrina militar no periódico "A Defesa Nacional" durante a Segunda Guerra Mundial. O enfoque é na transição da influência francesa para a norte-americana. Por intermédio do fenômeno da Blitzkrieg, observa-se clara mudança da emulação brasileira à doutrina francesa para à estadunidense. Tal passagem teve como marco fundamental o fracasso militar francês em 1940 e o surgimento de uma nova forma de fazer a guerra implementada pelo Exército alemão. O método em questão foi assimilado pelos exércitos aliados durante o conflito e chegou ao Brasil notadamente via aliança militar que vinculou o país aos Estados Unidos a partir de 1942.

Palavras-chave: Exército Brasileiro. Doutrina. Blitzkrieg. Segunda Guerra Mundial.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the publications on military doctrine in the journal "A Defesa Nacional" during World War II. The focus is on the transition from the influence of France to that of the United States of America. Through the Blitzkrieg phenomenon, a clear changeover from the Brazilian emulation of French doctrine to that of the US can be seen. Such a passage had as a milestone the failure of the French military in 1940 and the emergence of a new form of warfare deployed by the German Army. The method in question was assimilated by the Allied armies during the conflict and came to Brazil especially via military alliance, which linked the country to the United States as of 1942.

Keywords: Brazilian Army. Doctrine. Blitzkrieg. World War II.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar las publicaciones sobre la doctrina militar en la revista "La Defensa Nacional" durante la Segunda Guerra Mundial. El enfoque es en la transición de la influencia francesa para la norte-americana. Por intermedio del fenómeno del Blitzkrieg, se observa claramente el cambio de emulación brasileña de la doctrina francesa para la estadounidense. Este cambio tubo como marco fundamental el fracaso militar francés en 1940 y el surgimiento de una nueva forma de hacer la guerra implementada por el Ejército alemán. El método referido fue asimilado por los ejércitos aliados durante el conflicto y llegó al Brasil especialmente vía alianza militar que vinculó el país a los Estados Unidos a partir de 1942.

Palabras clave: Ejército brasileño. Doctrina. Blitzkrieg. Segunda Guerra Mundial.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

E-mail: <rafaelmorais16@gmail.com>

Doutorando em Ciência Política (IESP/UERJ)

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF) - Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

E-mail: <vgcamilo@bol.com.br>

Doutor em Ciência Política (IUPERJ, 2005)

Professor Adjunto do INEST/UFF

## I INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar um aspecto até então não examinado da mudança de emulação de doutrina por parte do Exército Brasileiro. Após duas décadas de forte influência francesa, o Exército nacional passou à influência militar dos EUA durante a 2ª Guerra Mundial, país que poucos anos antes sequer era considerado opção de exemplo a ser seguido. A partir da análise da revista *A Defesa Nacional*, por intermédio do exame quantitativo e qualitativo de artigos tratando temas técnicos e doutrinários ligados a *Blitzkrieg*<sup>3</sup>, pontua-se nítida tendência de mudança de fontes de ensinamentos após a derrota francesa para a Alemanha, em 1940.

A partir da Segunda Guerra Mundial, as relações entre Brasil e EUA passam a se estreitar em todos os âmbitos, inclusive no militar. A segunda metade do século XX será marcada pelo fim da preponderância europeia no sistema internacional e a ascensão da bipolaridade entre EUA e URSS. Nesse contexto, o Brasil cumprirá papel de aliado regional, inserido na hegemonia norte-americana no mundo ocidental.

Porém, não compete aqui a análise política desses acontecimentos. Nosso objetivo é mostrar o momento preciso em que a influência intelectual militar francesa caiu em virtude da realidade inescapável dos campos de batalha, discutida em artigos, originais e traduções, de oficiais de diversos postos e armas nas páginas do periódico *A Defesa Nacional*. Essa transição, inserida na dinâmica estrutural de mudança hegemônica do sistema internacional, pode ser observada em seus primórdios dentro do âmbito militar.

A escolha d'*A Defesa Nacional* justifica-se pela relação histórica desse periódico com a busca pelo profissionalismo militar no Brasil. Desde sua fundação, a publicação sempre primou pela excelência técnica e por focar suas discussões na arte e ciência militar, o que faz dela boa amostra do debate estratégico-doutrinário dentro do Exército.

Os artigos escolhidos versam sobre temas inovadores, como motomecanização, aviação para emprego combinado, tropas especiais, além de combinação de armas em geral e discussões sobre o valor da cavalaria na guerra moderna, todos definidos como artigos relevantes na pesquisa<sup>4</sup>. Cronologicamente, a

pesquisa cobre de 1936 até 1944, proporcionando, assim, um panorama da mentalidade militar brasileira antes e durante a Segunda Guerra Mundial, capaz de pesar as influências francesa e norte-americana no período. Conforme será apresentado adiante, tais influências obedecem uma rígida ruptura cronológica em função da queda da França, em 1940, e da ascensão dos EUA via aliança militar com o Brasil, a partir de 1942.

O argumento aqui resumido será apresentado e desdobrado da seguinte forma. Primeiro, um curto histórico da influência francesa no Exército Brasileiro será apresentado, seguido também de curta discussão sobre a *Blitzkrieg* como fenômeno histórico e consequente ocaso da doutrina militar francesa. Após essa parte propedêutica, chegamos ao cerne do artigo, mostrando, quantitativa e qualitativamente, a mudança, um tanto brusca, das fontes de reflexão doutrinária, da França para os EUA, no tema em discussão. Uma conclusão resume os achados do texto.

## 2 INFLUÊNCIA FRANCESA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Como afirma McCann (2009, p. 41), a educação militar no Brasil antes da Missão Militar Francesa (MMF) era “um tipo de educação que produzia escritores, burocratas e políticos, mas não comandantes de campanha competentes”. O ensino no Exército era mais voltado para as humanidades do que para a ciência e a arte militar. Contra essa corrente remavam – a partir de 1906-1910 –, isolados, os jovens oficiais que haviam tido experiência junto ao Exército alemão, conhecidos como “jovens turcos”.

Desde antes da 1ª Guerra Mundial o governo brasileiro vinha estudando a possibilidade de receber uma missão militar estrangeira para modernizar seu Exército, de preferência, alemã, em razão da afinidade do presidente Hermes da Fonseca com os germânicos. Mas devido à influência paulista – que logrou aproximar o presidente a adidos franceses – e a guerra, essa opção desgastou-se politicamente, até se tornar inviável em virtude da derrota alemã, em 1918.

Com isso, a França, vitoriosa na guerra, foi o país escolhido, não apenas por ser considerado, àquela época, modelo em excelência militar, mas também devido a experiências pregressas no Brasil, modernizando a Força Pública de São Paulo. Foi acordado, então, o envio de uma missão militar de instrução para fins de modernização e adestramento do Exército brasileiro no que havia de mais recente em matéria de doutrina e tecnologia militar. A observação da 1ª Guerra Mundial por adidos brasileiros havia ocasionado grande consternação no meio militar do país, em razão do abismo que separava a força militar brasileira de suas semelhantes na Europa.

Assim, em 1921, sob o comando do General Maurice Gamelin, teve início a Missão Militar Francesa, cujo objetivo principal era a modernizar o Exército

<sup>3</sup> Entendemos *Blitzkrieg* como fenômeno circunscrito historicamente, de cunho tático-operacional que, mediante emprego revolucionário de novos meios – carros de combate, aviões, tropas aerotransportadas etc. – possibilitou o retorno do movimento e de vitórias rápidas nos campos de batalha, aos moldes do ocorrido na era napoleônica. A discussão doutrinária que precedeu o fenômeno, levada a efeito simultaneamente em diversos países no entre-guerras, consagrou-se nas célebres e vitoriosas campanhas militares alemãs do início da 2ª Guerra Mundial, entre 1939 e 1941.

<sup>4</sup> De um total de 1794 artigos publicados no período, a pesquisa julgou relevantes ao tema deste trabalho 358 textos. Para maiores detalhes, ver MORAIS, 2014, p. 18-22. Em razão da falta de referências claras na maioria das traduções, optamos por referenciar os artigos traduzidos pelos nomes de seus respectivos tradutores d'*A Defesa Nacional*.

nacional mediante, principalmente, reformas no sistema de ensino e instrução. O Estado-Maior do Exército brasileiro, a essa altura, ainda não havia se moldado dentro das características necessárias para o funcionamento de órgão desta natureza. A MMF visava instruir o corpo de oficiais brasileiros com vistas a prepará-los para exercerem as tarefas de Estado-Maior, fomentando o amadurecimento tático, estratégico e operacional dentro dos padrões da época. Para isso, foram criadas escolas de instrução em diversos níveis, para transmitir os conhecimentos legados pela missão aos escalões inferiores da hierarquia, e foi instituída a prática de exercícios (manobras) anuais para adestrar generais nas práticas operacionais (CARVALHO, 2005, p. 28-29; DOMINGOS NETO, 2007, p. 237-241).

A instrução francesa nas escolas se concentrou no desenvolvimento de tópicos como estratégia e história militar, tática, educação física, cavalaria, transmissões, geografia, aeronáutica e armamentos. Foi nesse contexto que as primeiras doutrinas de emprego do Exército foram desenvolvidas, conjuntamente, entre oficiais brasileiros e franceses (LOURO, 2011, p. 65). Na verdade, até a MMF, não havia nenhuma política clara de defesa. Havia grande preocupação com a proteção das fronteiras sul e sudoeste, mas nenhuma concepção ampla de defesa nacional. Graças à formação de oficiais mais competentes, uma concepção de defesa nacional começou a ser delineada pelo Estado-Maior, orientando as primeiras formulações doutrinárias para o emprego dos meios militares.

Após 1920, os exames de instrução passaram a ser atos solenes. Os oficiais deviam conhecer os regulamentos e os códigos do Exército e cada um deles era obrigado a fazer uma conferência ou apresentar um trabalho por ano, como prestação de contas referente a seu progresso nos estudos proporcionados pela MMF. Ao lado das escolas foram fundadas bibliotecas com temas pertinentes à educação militar. A fim de melhorar a situação de precariedade das escolas, a MMF colocou franceses como comandantes das instituições que sediavam os programas de instrução. Essa medida, apesar de importante para o progresso da MMF, gerou conflitos entre os oficiais franceses e os brasileiros, pois a interferência administrativa francesa era vista como atestado de incompetência dos militares nacionais.

Outro problema, previsível, foi o conhecimento dos oficiais formados nas escolas, que passou a gerar inconvenientes e problemas de hierarquia, visto que seus superiores e comandantes não possuíam o mesmo grau de instrução. Como afirma Magalhães (1998, p. 330): “os oficiais que saíam de suas escolas e iam servir na tropa ou órgãos correlatos, eram melhores instruídos que seus chefes. Estes, às vezes, procuravam aproveitá-los, mas, geralmente, não queriam saber das novidades.”

Para acelerar os progressos da Missão, em 1929, o cargo de diretor de Ensino Militar passou a ser ocupado por um oficial francês, cuja atribuição principal era orientar e coordenar o ensino militar estabelecendo diretivas para os assuntos teóricos e práticos, com o intento de

melhor organizar os programas de ensino. Além disso, ele também deveria examinar, corrigir e encaminhar os programas, propondo e dirigindo os exercícios práticos (MIRANDA, 2002).

Com o crescimento das tensões derivadas da crescente intromissão francesa na administração das escolas, o Estado-Maior do Exército propôs a inserção de oficiais brasileiros como adjuntos aos professores franceses, visando não só a preparação nacional para dar sequência à instrução iniciada com a MMF, mas também a retomada do controle da organização do ensino militar.

A Missão Francesa foi posta a termo pelo Estado-Maior brasileiro gradualmente, no decorrer da década de 1930. Apesar de ter durado oficialmente até 1940, em virtude de divergências entre membros da missão e membros do Estado-Maior, a MMF já estava consideravelmente reduzida em meados da década de 1930. Isso se deveu, também e em grande parte, à rapidez com que os oficiais brasileiros assimilaram os ensinamentos oferecidos (LOURO, 2011, p. 65; DOMINGOS NETO, 2007, p. 244).

A vinda da MMF representou um salto de qualidade para as escolas militares brasileiras. A MMF promoveu a instrução prática, o estudo tático e estratégico da situação política internacional do Brasil (definindo ameaças e possibilidades de emprego, ou, em outras palavras, doutrina estratégica) e a valorização do militar como agente da defesa nacional. Suas atividades fomentaram no Exército a profissionalização, desenvolvida nas escolas e associada ao preparo técnico, elevando o moral da oficialidade.

Assim, a MMF ensinou e profissionalizou o Exército brasileiro como força militar moderna, a despeito de todas as dificuldades estruturais que não desapareceram nesses vinte anos. A doutrina, a instrução, o estudo e o emprego no terreno empreendido pelos militares franceses aprimoraram o valor profissional dos oficiais, que passaram a atuar como agentes determinantes no futuro do Brasil. Vinte anos depois do começo da MMF, eles estariam bastante afeitos às doutrinas e concepções francesas. Cumpre destacar esse ponto, que será referência estrutural do objeto principal deste trabalho. A França passou a exercer influência decisiva na mentalidade do Exército brasileiro, e a doutrina francesa se tornaria a base das formulações nacionais para o emprego de suas diversas armas.

### 3 A *BLITZKRIEG* E O FRACASSO DA DOCTRINA FRANCESA

*Blitzkrieg* foi o ponto culminante de um processo de evolução nas doutrinas de ataque em decorrência da necessidade imposta pelo desenvolvimento tecnológico observado a partir da metade do século XIX. Deste processo, surgiram inovações militares que fizeram do campo de batalha uma tormenta de fogo. A metralhadora, o *shrapnel*, a artilharia de retrocarga, com calibres cada

vez maiores, dentre outras inovações, criaram inúmeros desafios para as operações ofensivas, que culminaram no icônico impasse da Frente Ocidental entre 1914 e 1918.

A essência da *Blitzkrieg* visava não apenas o choque e a destruição das forças físicas do inimigo, mas também o seu moral. Essa, talvez, seja a característica mais proeminente dessa doutrina e remonta a concepções antigas, baseadas nas manobras de envolvimento anteriores às guerras de atrito ocorridas no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e a 1ª Guerra Mundial. É uma forma de travar a guerra que visa, também, atacar o psicológico do adversário, levando sua defesa ao caos, evitando ao máximo o atrito.

A *Blitzkrieg* funciona por meio de uma série de incursões de reconhecimento, cujo objetivo essencial é identificar os pontos fortes e fracos da frente inimiga. Quando tais pontos estão claros, é iniciada a investida principal, realizada com todos os meios disponíveis contra as posições de maior vulnerabilidade do inimigo, liderada por forças poderosas, como uma unidade blindada. Essa doutrina de ataque repousa na ideia do fogo concentrado e pontual, dentro de uma concepção de mobilidade inerente à operação como um todo. O ataque deve ser lançado com grande apoio da aviação, e à artilharia cabe oferecer apoio complementar. Tanto o apoio da artilharia como o da força aérea devem visar alvos tanto materiais quanto psicológicos.

Na última fase, as divisões que não tomaram parte no rompimento, como a infantaria motorizada, atacam e ocupam as posições abertas pela vanguarda do ataque, aproveitando a confusão do inimigo para cercá-lo, permitindo, desta feita, que as unidades avançadas mantenham o ímpeto ofensivo (GIBELLI, 1966, p. 4). Segundo Guderian, um dos mais destacados teóricos e proponentes da *Blitzkrieg*:

Um ataque bem-sucedido pode trazer vitória rápida que ganha maior dimensão pela extensão e pela profundidade; as reservas inimigas, e, o mais importante, suas unidades motorizadas ou mesmo blindadas, podem chegar muito tarde à batalha. Aqui estava a solução para o até agora persistente problema de como explorar o êxito de um ataque. A ruptura e a perseguição tornavam-se uma possibilidade real, e a guerra poderia assumir ou manter suas características de guerra de movimento. (GUDERIAN, 2009, p. 172).

Além da qualidade dos fundamentos doutrinários, o sucesso da *Blitzkrieg* alemã nos anos iniciais da 2ª Guerra Mundial se deveu à capacidade e treinamento das tropas. A infantaria revelou-se capaz de grandes avanços. Algumas unidades marcharam, combatendo, uma média de 25 a 30 quilômetros por dia. Marchas de 50 quilômetros por dia foram frequentes durante os primeiros estágios da campanha da Rússia (GIBELLI, 1966, p. 88). A artilharia atuava de forma preponderante na preparação e apoio dos ataques, realizando concentrações de fogo breves, mas extremamente violentas. No decorrer das operações, as

tropas continuavam contando com o apoio dos canhões, orientados pelo reconhecimento aéreo aproximado.

A cavalaria mostrou-se ainda muito útil nas missões de reconhecimento e perseguição, e a engenharia cumpriu papel importante, assegurando a travessia dos rios, integrando pelotões de assalto e utilizando lança-chamas e explosivos de demolição contra posições fortificadas.

A *Luftwaffe*, Força Aérea alemã, atacou as tropas inimigas, ajudou nos ajustes do tiro da artilharia, abasteceu as unidades blindadas e lançou paraquedistas atrás das linhas adversárias, além de ter atuado também no reconhecimento e exploração.

Por fim, aos blindados estava reservado o papel chave do ataque. As divisões *panzer*, longe de serem uma força auxiliar, deveriam participar de todas as fases da batalha, enquanto houvesse terreno para avançar. Nas operações de rompimento os carros de combate foram sempre empregados em massa.

Assim, os alemães tiveram, sem dúvida, uma enorme vantagem operacional nos primeiros anos da guerra.

Pouco do que eles tentaram (nos primeiros anos da guerra) falhou. A vitória na Polônia iniciou a série. A Escandinávia seria o próximo cenário de uma operação alemã decisiva, enquanto o drama do Caso Amarelo (plano de ataque a França) roubaria a cena. A arremetida dos panzers pelo noroeste da França foi a mais espetacular manobra militar desde os dias de Napoleão. A lenda do Afrika Korps no deserto ocidental, o desembarque aerotransportado na ilha de Creta, a épica Operação Barbarossa (...) – uma lista impressionante e, alguns poderiam dizer, incomparável (CITINO, 2004, p. 36. Tradução nossa).

### 3.1 A Queda da França e de sua doutrina

Definida pelo renomado historiador militar e estrategista britânico, Basil Liddell Hart, como “a mais fácil vitória da História” (Lidell Hart, *apud* WILLIAMS, 1974), a queda da França é considerada um dos eventos militares mais dramáticos de todos os tempos. Em 10 de maio de 1940, as tropas de Hitler invadiram a França e em apenas seis semanas fizeram algo que, durante a 1ª Guerra Mundial, em mais de quatro anos não haviam conseguido fazer.

O “segredo” alemão já havia sido demonstrado na campanha anterior, contra a Polônia, mas aquele sucesso fora, em parte, diminuído pelo despreparo do Exército polonês. Evidência disso foi a própria reserva de muitos generais alemães com as divisões *panzer* mesmo após a campanha de setembro de 1939 (Lidell Hart, *apud* WILLIAMS, 1974, p. 31). Mas com a França foi diferente. A rápida derrota do Exército francês não deu margem a subterfúgios. Após aquela campanha, ficou claro que as doutrinas herdadas da “guerra de posição” estavam condenadas, e o impacto foi severo no meio militar.



Os alemães atacaram no dia 10 de maio de 1940. Segundo o plano de Manstein, sete divisões *panzer* foram concentradas no setor das Ardenas, visando três objetivos: Dinant, Sedan e Monthermé. Atrás dessa imensa força, 34 divisões motorizadas avançaram. Ao restante do Exército alemão foi reservada a tarefa de cobrir a Linha *Maginot* ou atacar pela Holanda e Bélgica, com o objetivo de fixar a frente aliada a leste do avanço do esforço principal (CARTIER, 1967, p. 76; WILLIAMS, 1974, p. 12).

Foi tudo muito rápido. Em apenas 24 horas após o ataque, as forças francesas do 9º Exército, que cobriam o setor das Ardenas, foram repelidas pelo avanço de Guderian, cujas tropas alcançaram Bouillon no dia 12 e conquistaram posição na margem oriental do rio Meuse, em Sedan. No dia seguinte, o Meuse foi transposto com a ajuda dos engenheiros alemães, que construíram rapidamente uma ponte, sob a proteção ostensiva da *Luftwaffe*.

Ao final da primeira semana os objetivos essenciais já haviam sido alcançados e o esforço principal rumava praticamente sem oposição para o norte, isolando as principais unidades aliadas concentradas na Bélgica de suas reservas e linhas de comunicação. Em seguida, coube à infantaria alemã a tarefa de envolver as unidades aliadas surpreendidas pelo avanço dos *panzers*, enquanto estes avançavam para o Canal. Em 18 de maio, os alemães atingiram Saint-Quentin e, nos dois dias seguintes, Amiens e Abbeville foram ocupadas, finalizando a ocupação da faixa entre os rios Scarpe e Somme. Os exércitos aliados na Bélgica, que somavam mais de meio milhão de homens, estavam completamente isolados do interior da França. O “xeque-mate” estava dado e o Exército alemão avançara 350 quilômetros em 11 dias (WILLIAMS, 1974, p. 84-85).

A França foi derrotada não apenas no rompimento alemão nas Ardenas, tampouco na transposição do Meuse ou na chegada dos *panzers* ao Canal da Mancha. Ela foi derrotada ao apostar em doutrinas defensivas que se mostraram ineficazes na guerra mecanizada. Os franceses optaram por investir recursos substanciais de seu orçamento de defesa na Linha *Maginot*. Apesar de terem encomendado muitos blindados às fábricas, e de terem mais e melhores tanques do que os alemães em 1940, ignoraram os esforços de De Gaulle em proveito do desenvolvimento de divisões blindadas capazes de constituir um sistema de defesa móvel.

A ninguém é lícito atribuir a vitória germânica a uma superioridade avassaladora de suas forças. A Alemanha não mobilizou tantos homens quanto os seus adversários (...). É verdade que os alemães conseguiram formar e equipar maior número de divisões que os franceses, mas, em relação a seus adversários todos, no Ocidente, não levava qualquer vantagem, numericamente falando. O que, afinal, não tinha grande importância, pois a questão na realidade foi decidida pela performance de uma elite de oito por cento do seu exército – as dez divisões blindadas – as *Panzerdivisionen* – antes que o grosso de suas forças armadas tivesse entrado em ação. (...)

Superestimou-se muito o volume de blindados alemães, na época. (...) Os franceses tinham muito mais tanques, mas não eram tão móveis e a maior parte deles espalhava-se em pequenos grupos, e não se concentrava para um ataque poderoso. Os generais franceses ainda se apegavam à idéia corrente em 1918, de que os tanques eram auxiliares da infantaria. Hitler, ao contrário, dava ouvidos a Guderian, o líder da nova escola, para quem a divisão blindada devia ser a ponta de lança do exército (WILLIAMS, 1974, p. 6. Grifo do autor).

Portanto, residiu na própria concepção estratégica francesa, extremamente preocupada com a defesa, o cerne do problema de sua derrota para os alemães, que, ao contrário, baseavam suas doutrinas na busca incessante pelo engajamento, pela ruptura, ultrapassagem, envolvimento e aniquilação das posições inimigas.

Os franceses também não perceberam o importante papel do avião, que a campanha da Polônia já demonstrara. Enquanto os alemães tinham mais de 3.000 aeronaves no apoio de sua arremetida em maio de 1940, incluindo 400 bombardeiros de mergulho, a França dispunha de cerca de 1.200 e não possuía nenhum avião análogo ao *Stuka*, evidenciando o atraso das doutrinas francesas nas concepções sobre emprego combinado de forças terrestres com o poder aéreo (WILLIAMS, 1974, p. 21).

Os engenhos blindados não passaram despercebidos na produção intelectual do Exército francês. Artigos sobre o tema foram publicados pouco antes da 2ª Guerra Mundial, alguns dos quais traduzidos na Defesa Nacional. Essas publicações atestam o tipo de preocupação que fundamentava a doutrina francesa, muito atida a questões técnicas e sempre dando ênfase à defesa. “A Ofensiva e a Defensiva com Engenhos Blindados”, de autoria do Coronel Maine, publicado na *Revue Militaire Générale*, em 1937, e traduzido pelo Major Armando de Vasconcelos, em dezembro de 1938 (A OFENSIVA..., 1938), proporciona uma série de elucubrações técnicas sobre os carros, no tocante à tonelagem, ao armamento e à blindagem, comparando-os aos navios de guerra, divididos em classes e com missões específicas. A preocupação com os rigores individuais de cada classe desta arma acabou por ofuscar reflexões sobre seu emprego. Ademais, a quase totalidade do texto trata de defesas anti-carro e do uso defensivo do carro como caça-carros. De fato, este artigo ilustra bem o tom geral da produção francesa sobre o tema da motomecanização que aparece traduzido na publicação do Exército brasileiro antes da guerra. Apesar do título, o trabalho é pensado sob o viés defensivo, reforçando a tese bem difundida na historiografia sobre a emergência da defesa sobre o ataque nas doutrinas francesas após a 1ª Guerra Mundial.

Deste modo, pode-se afirmar que as causas do enorme desequilíbrio que culminou no sucesso alemão podem ser atribuídas ao fracasso francês em adaptar suas doutrinas às inovações daqueles tempos.

De modo geral, os chefes militares franceses viveram por muito tempo apegados a velhos conceitos e

métodos, ignorando a revolução que se desenvolvia na Alemanha da arte de guerrear, revolução que a tornou muito rápida e muito móvel. Diante de um vizinho tradicionalmente hostil e muito mais forte, o comando militar francês preocupou-se perigosamente com a defesa. À parte breve período, um pouco antes e durante o início da 1ª GM, quando se reviveram técnicas ofensivas, assim mesmo já muito ultrapassadas, os franceses não se preocuparam senão com a defesa, desde a derrota experimentada na guerra que sustentaram com a Prússia, em 1870. E o ideal era, ledão engano, uma defesa estática e linear, fossem as trincheiras da Primeira Guerra ou, mais tarde, a “Linha Maginot”. Somente quando a campanha ocidental estava virtualmente perdida é que se ensaiou uma tentativa séria de estabelecer uma defesa em profundidade (...) (Liddell Hart, apud WILLIAMS, 1974, p. 154).

#### 4 ANÁLISE DA QUESTÃO N'A DEFESA NACIONAL

Nossa pesquisa revela uma nova dimensão da transição da influência francesa para a norte-americana, no bojo do cataclismo político e militar desencadeado pela Segunda Guerra Mundial. Muito já se escreveu a respeito dos acordos assinados entre Vargas e Roosevelt, que recompensaram o governo brasileiro por seu alinhamento voluntário com investimentos na infraestrutura industrial do país e fornecimento de equipamento militar para a modernização do exército<sup>5</sup>. Muito menos se sabe acerca da reflexão intelectual no seio da elite do Exército brasileiro concernente à transição entre doutrinas. A doutrina é o pavimento a partir do qual uma força militar se prepara e opera. Uma transição como essa jamais é fácil e automática para os militares.

Não obstante se possa constatar a permanência da influência francesa para além do fim da MMF, constitui fato histórico a inserção da influência norte-americana a todo vapor nas forças armadas brasileiras durante a Segunda Guerra. A partir de 1942, com a configuração da aliança militar com aquela nação, os militares brasileiros começam gradativamente a se inteirar sobre os processos e métodos das forças norte-americanas. Nesse mérito, a criação da Força Expedicionária Brasileira serviria, ainda, para intensificar o intercâmbio ao colocar, lado a lado, oficiais dos dois exércitos nos procedimentos de treinamento e equipagem da divisão brasileira para atuar nos campos de batalha da Itália. Mas não é este aspecto institucional e material que nos interessa aqui. O que trataremos são os aspectos que permeiam a percepção da elite intelectual do Exército brasileiro a respeito dos problemas de doutrina postos pela Segunda Guerra Mundial. A partir do debate em torno das inovações da guerra e da doutrina francesa, posta em xeque pela espetacular vitória alemã em 1940, temos um panorama acerca das fontes das ideias e doutrinas a serem emuladas

<sup>5</sup> Dentre a ampla bibliografia existente sobre o assunto, destacamos MOURA, 1980; McCANN, 1995; e ALVES 2002.

pela intelectualidade militar brasileira. Esse panorama pode ser conhecido pela análise, quantitativa e qualitativa, dos artigos d'A Defesa Nacional selecionados.

#### 4.1 Reflexões antes da Guerra (1936-1939)

Até o começo da 2ª Guerra Mundial era rarefeita a influência, no Brasil, de exércitos que não o francês. A publicação brasileira era marcada por um número significativo de traduções de periódicos das Forças Armadas francesas e artigos indígenas orientados pelos manuais franceses. Os temas mais inovadores – sobre o emprego de carros de combate, aviação de ataque ao solo, dentre outros – aparecem sempre sob a orientação francesa, seja no conteúdo, seja na própria relação de presença/ausência na revista.

Enquanto em 1936 e 1937 muito pouco se produziu acerca destes temas, em 1938 e 1939 aumenta a quantidade de artigos sobre ações de carros de combate - ver números comparativos na Tabela 1. A maioria dos trabalhos, entretanto, discute a importância da motorização da infantaria e não o conceito de unidades de choque motomecanizadas. A doutrina de combate ainda obedecia à lógica da infantaria de choque, incumbida da ruptura e, para isso, apoiada pelos carros. Marca definitiva da preponderância da defesa sobre o ataque, tanto na mentalidade francesa quanto na brasileira, é, curiosamente, a publicação de artigo de origem alemã, de autoria do major Von Shell, publicado na Alemanha em julho de 1937 - “O Combate contra os Engenheiros Couraçados”, na *Revue D'Infanterie*, depois traduzido pelo Tenente-Coronel Onofre Gomes de Lima, n'A Defesa Nacional (O COMBATE..., 1939). Cumpre destacar que, em meio a tanta discussão sobre o emprego ofensivo dos carros na Alemanha, foi dada particular atenção a artigo abordando aspectos defensivos sobre o tema. Essa tradução do francês na publicação brasileira, uma tradução da tradução, sinaliza clara relação de dependência doutrinária nacional em relação a França.

**Tabela 1: A Defesa Nacional: comparação ano a ano (1936-39)**

Ano	1936	1937	1938	1939
Total de artigos	231	132	168	135
Artigos relevantes	3 (1,3%)	3 (2,27%)	7 (4,1%)	19 (14,1%)
Procedentes do Brasil	1 (33,3%)	1 (33,3%)	2 (28,6%)	6 (31,6%)
Procedentes da França	2 (66,6%)	2 (66,6%)	5 (71,4%)	8 (42,1%)
Procedentes da Alemanha	0	0	0	1 (5,2%)

Ano	1936	1937	1938	1939
Procedentes dos EUA	0	0	0	0
Procedentes de outros	0	0	0	4 (21%)

Fonte: Os autores (2016).

## 4.2 Primeiras reflexões sobre a guerra e a queda da influência francesa (1940-1941)

Os primeiros textos abordando a campanha polonesa só aparecem n'A Defesa Nacional em junho de 1940, mês em que a França estava à beira da rendição. Este fato não parece ser coincidência. Ao que tudo indica, a campanha da França provocou imediata resposta da intelectualidade d'A Defesa Nacional, tornando a análise da vitória alemã na campanha polonesa fundamental.

As "Grandes Unidades Mecanizadas na Polônia" e "A Guerra Mecânica", traduções de textos franceses, analisam detalhes da campanha polonesa, sendo o primeiro artigo meramente descritivo das operações alemãs, com o devido enfoque nas unidades mecanizadas, e o segundo, uma reflexão sobre as implicações táticas e operacionais daquelas batalhas, onde as conclusões do autor são decepcionantes. O sucesso aparece creditado à superioridade material, técnica e moral do Exército alemão e não é dada muita atenção a questões relativas ao emprego das armas e tropas.

Essas traduções ainda demonstram a predileção dos militares brasileiros pela perspectiva francesa. Exemplo disso é o fato da única tradução alemã daquele ano ser um elogio à cavalaria<sup>6</sup>.

Desta forma, a reflexão produzida neste ano crucial para a 2ª Guerra Mundial é ainda muito orientada pela doutrina francesa e pouco original. Dada a rigidez da instituição militar, não se pode esperar mudanças radicais da noite para dia. Somente após a derrota francesa a reflexão brasileira despertou para o fenômeno da *Blitzkrieg*, mas as primeiras publicações, acerca da campanha polonesa, são traduções de autores franceses e mostram-se ainda pobres quanto à reflexão sobre doutrinas, além de muito descritivas. É a partir de 1941 que as reflexões a respeito da *Blitzkrieg* atingem o amadurecimento, respondendo por quase 1/3 dos artigos publicados naquele ano n'A Defesa Nacional. É nesse ano que a produção nacional atinge também o seu pico, ultrapassando de longe o número de traduções - ver números comparativos na Tabela 2. A produção reflete o conflito entre os eventos no campo de batalha, que depõem contra a doutrina francesa, e a rigidez do meio militar brasileiro, preocupado em salvar tal doutrina do completo fracasso.

<sup>6</sup> O artigo "Ataques a Cavalo" traduzido por Berthold Klinger (ATAQUES..., 1940), publicado originalmente na revista *Die Wehrmacht*, faz contundente defesa da cavalaria montada, citando exemplos da Primeira Guerra Mundial.

**Tabela 2: A Defesa Nacional: comparação ano a ano (1939-41)**

Ano	1939	1940	1941
Total de artigos	135	170	242
Artigos relevantes	19 (14,1%)	16 (9,4%)	72 (29,7%)
Procedentes do Brasil	6 (31,6%)	5 (31,25%)	58 (80,5%)
Procedentes da França	8 (42,1%)	8 (50%)	2 (2,7%)
Procedentes da Alemanha	1 (5,2%)	1 (6,2%)	6 (8,3%)
Procedentes dos EUA	0	0	2 (2,7%)
Procedentes de outros	4 (21%)	2 (12,5%)	4 (5,5%)

Fonte: Os autores (2016).

Em meio às análises ressaltando aspectos materiais, morais ou quaisquer outros capazes de atenuar problemas na doutrina francesa, pode-se constatar, no mínimo, certa preocupação com a legitimidade desta doutrina após os eventos de maio/junho de 1940. Cumpre notar que, ao mesmo tempo, há também artigos analisando as ações das grandes unidades mecanizadas alemãs, tratando-as como algo inovador, fruto de genialidade e originalidade. Desta forma, os artigos desse ano apresentam também um aumento de traduções de periódicos militares alemães. Começam, também, a surgir artigos de procedência norte-americana sobre operações alemãs na França, com enfoque nas divisões blindadas - "A Ação da 1ª Panzer Division no Começo de Maio de 1940" e "A Ruptura de Sedan" (A AÇÃO..., 1941; A RUPTURA..., 1941). Essas duas traduções são o início de uma enxurrada intelectual que, como veremos, tomará a revista nos anos seguintes.

## 4.3 A ascensão da influência norte-americana (1942-44)

As revistas editadas em 1942 apresentam grande quantidade de artigos traduzidos dos periódicos militares norte-americanos. O Exército brasileiro começa a alinhar-se às doutrinas estadunidenses que, por sua vez, estão em fase de transformação e aprendizado com a Segunda Guerra Mundial. Uma parte considerável desses artigos revela emulação das doutrinas e métodos alemães por parte dos norte-americanos.

Há também a emergência de trabalhos nacionais em defesa da doutrina francesa, negando rupturas entre os manuais anteriores à guerra e a *Blitzkrieg*. Para esses autores, não havia novidades profundas na "arte da guerra", embora opinassem sobre a novidade trazida pela *Blitzkrieg* quanto à combinação de armas. Os princípios consagrados nos regulamentos de antes da guerra teriam sido corroborados pela doutrina alemã e não superados por ela.

Não se trata, pois, de qualquer inovação na arte da guerra. Os processos sim, são novos e correspondem aos meios do jogo. O que falta de modo geral, devemos notar especialmente, é a instrução de combate em conjunto, de combinação das armas, em que reside todo o segredo da preparação do soldado para a guerra, como artifice que é. Trata-se de uma máquina que precisa ser conhecida pelo operário que a aciona para ter rendimento. Meditemos sobre os ensinamentos de agora e acreditemos na necessidade de orientar mais objetivamente nossa instrução de combate; façamos cumprir, mas cumprir com honestidade, os nossos regulamentos que são ainda bons e verdadeiros (VASCONCELOS, 1942, p. 113-114).

O texto do Major Olympio Mourão Filho questiona se há mesmo alguma diferença entre as doutrinas alemã e francesa. Para Mourão Filho, a doutrina de emprego é uma, universal, podendo variar apenas dentro dos limites técnicos das armas em cada situação determinada. Deste modo, o fracasso do Exército francês estaria em fatores diversos, fora do escopo da doutrina.

Afirmam uns que a (doutrina) francesa é má, está errada e levou a França à derrota; que a alemã foi sagrada pela vitória e assim devemos adotar esta. Outros dizem que não podemos abandonar a francesa porque é a doutrina do nosso Estado-Maior e, sem que este alto órgão a modifique, não é lícito, nas escolas, o estudo de outra.

A discussão não tem a menor base, a menor razão de ser, porque, em verdade, não há duas doutrinas. Quem estuda com atenção os regulamentos franceses verifica que os alemães empregaram seus carros de acordo com o que lá está escrito. A única coisa que se pode constatar (...) é que o Alto Comando da França não fez o emprego estratégico dos carros, seja porque não os possuía em quantidades suficientes (sic), tendo-os divididos pelas várias G. U., seja por falta de uma Aviação adequada, ou outro motivo qualquer. (MOURÃO FILHO, 1942, p. 71).

Nos últimos anos do recorte de nossa análise, 1943-44, observa-se um aumento na produção de procedência norte-americana, cuja percentual atinge mais da metade das publicações relevantes à nossa pesquisa. A produção indígena também se estabiliza em altos níveis em comparação com o padrão anterior à guerra, quando a MMF estava em curso. No entanto, observamos uma queda brusca em relação a 1941, quando ela atingiu 58 trabalhos ou cerca de 80% da produção - ver números comparativos na Tabela 3.

**Tabela 1: A Defesa Nacional: comparação ano a ano (1936-39)**

Ano	1941	1942	1943	1944
Artigos totais	242	192	176	213
Artigos relevantes	72 (29,7%)	49 (25,5%)	61 (34,6%)	77 (36,1%)

Ano	1941	1942	1943	1944
Brasil	58 (80,5%)	22 (44,9%)	10 (16,4%)	29 (37,6%)
França	2 (2,7%)	2 (4,1%)	2 (3,3%)	4 (13,7%)
Alemanha	6 (8,3%)	4 (8,1%)	2 (3,3%)	0
EUA	2 (2,7%)	19 (38,7%)	41 (67,2%)	40 (51,9%)
Outros	4 (5,5%)	2 (4,1%)	6 (9,8%)	4 (13,7%)

Fonte: Os autores (2016).

Curiosamente, a partir de 1943 aparecem artigos destacando façanhas da cavalaria. Em texto intitulado “A Necessidade da Cavalaria”<sup>7</sup> (A NECESSIDADE..., 1943), um oficial general do Exército dos EUA cita o caso das tropas norte-americanas ordenadas a operar entre as forças de Rommel e Von Arnim, na Tunísia, em fevereiro de 1943, momento em que o *Afrika Korps* retirava-se na direção de Túnis para juntar-se às tropas enviadas pelo OKW, chefiadas por Arnim. Naquela ocasião, Rommel conseguiu manobrar e atacar primeiro, mesmo em retirada, colocando os norte-americanos em situação difícil, ao bloquear as rotas de fuga pelas quais as forças estadunidenses poderiam se retirar, infringindo pesadas perdas ao novo adversário. Segundo o autor, se no lugar da infantaria motorizada as tropas blindadas estivessem apoiadas pela cavalaria, o efetivo norte-americano jamais teria passado tal percalço.

A cavalaria empregada em ações retardadoras ou em missões de retaguarda, não pode ser ultrapassada ou cercada, porque os esquadrões podem se mover em qualquer direção, através dos campos e não precisam de estradas para se dirigirem às direções convenientes. Quando combate a pé, cada pequena unidade tem seus cavalos de mão colocados à sua retaguarda ou não muito distantes dos caminhos, afim de que sejam rapidamente montados. A infantaria motorizada tem que ser reunida no local de estacionamento das viaturas, próximo de uma estrada, antes de poder ocupá-las e retirar-se na direção desejada. (...)

Em ordem dispersa, através dos campos, a cavalaria não é tão vulnerável aos ataques aéreos como as tropas amontoadas em veículos motorizados, avançando em coluna, ao longo de estradas.

Para reconhecimento, exceto os longínquos executados pela aviação, não há força que se compare com a cavalaria. (A NECESSIDADE..., p. 51).

Vale citar também que o autor faz menção às *Blitzkriegs* na Polônia e na França, afirmando que houvessem aqueles países empregado mais tropas de cavalaria, os ataques blindados alemães poderiam ter sido bloqueados. Segundo ele, os efetivos de cavalaria empregados pelo Exército polonês e pelos anglo-franceses

<sup>7</sup> Tradução de João Facó.



eram bastante inferiores às necessidades impostas pelas circunstâncias daquelas ofensivas.

Diferentemente dos artigos filiados à doutrina francesa, “Princípios que Regem as Operações Alemãs”<sup>8</sup> (PRINCÍPIOS..., 1942a) traz, de início, uma forte crítica às análises então em evidência sobre o Exército alemão fundamentado em argumentos diferentes. O texto, publicado originalmente no *Command and General Staff School Military Review*, é de autoria de um oficial do Exército dos Estados Unidos que serviu, segundo o próprio autor, mais tempo no Exército alemão do que qualquer outro oficial aliado. Ele contesta o mito da invencibilidade germânica, em evidência até 1941, recorrendo, inclusive, à história. Segundo ele, o histórico de forças germânicas em combate seria negativo. Bastaria “um simples golpe de vista” sobre a história para demonstrar que “soldados alemães, especialmente saxões, austríacos e bávaros, foram destroçados em combate, em quase todas as guerras de que participaram, desde os tempos de Cesar até a guerra de 1914-18” (PRINCÍPIOS..., p. 9).

Embora haja boa dose de exagero nesta afirmação, é claro que nenhum exército é invencível. O autor preocupa-se, como premissa a suas conclusões, em desmistificar o que supõe ser fruto de empolgação desmedida com as observações do momento. Ele, entretanto, reconhece a qualidade da força militar alemã que operava, segundo ele, com os seguintes princípios: moral, totalidade do esforço, concentração de força, uso de unidades blindadas, combinação das diversas armas, ação ofensiva e treinamento tático (PRINCÍPIOS..., p. 10). Destes fatores, o moral, o uso de unidades blindadas, a combinação de armas, a ação ofensiva e o treinamento tático despontam como diferenciais fundamentais em comparação com outros exércitos, notadamente o francês.

Outro texto destacado desse ano sobre a questão central, que opõe a doutrina francesa e os métodos alemães, é “Reflexões Sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate” (MOURÃO FILHO, 1942), já citado aqui, que traz à tona análises detalhadas dos diversos tipos de ação do engenho blindado, a partir das experiências alemãs na guerra. O trabalho tem o grande mérito de confrontar as operações na Polônia e na Frente Ocidental com a guerra na Rússia, onde, em 1942, os alemães vinham colhendo frustrações no emprego clássico da Blitzkrieg, chegando mesmo a abandoná-la em proveito de outros modelos de ataque<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Tradução de Henrique B. T. Lott.

<sup>9</sup> Depois que os russos demonstraram ter aprendido o antídoto contra a Blitzkrieg, isto é, defesas em profundidade muito bem organizadas, além de retiradas bem executadas, coube aos alemães desenvolver novos métodos capazes de obrigar as forças russas ao engajamento visando destruí-las. No caso, o sistema de “cunha e cerco”, caracterizado por ataques visando atrair contra-ataques inimigos contra a própria retaguarda para, então, com uma manobra de pinça efetuada por tropas que vêm de trás, externamente ao centro de gravidade da batalha que tomou lugar primeiramente, cercar e aniquilar as forças russas empenhadas no contra-ataque, usando as unidades de vanguarda, originalmente atacadas pela retaguarda para impedir qualquer possibilidade de fuga.

Outro artigo que cumpre destacar é inspirado nos relatos sobre as ações da cavalaria alemã em 1941, na operação Barbarossa. O texto (MAGALHÃES, 1944), nacional, com citações de uma tradução do alemão publicada nos EUA, traz ações da cavalaria nos pântanos do Pripet, quando esta tropa cumpriu missões de cobertura ao flanco de unidades blindadas alemãs, valendo-se de suas características específicas para agir em terreno impossível a outras armas, como blindados e infantaria.

O enorme e maravilhoso desenvolvimento das armas industriais deu à guerra moderna uma feição peculiar e absorveu todas as atenções. Na ânsia muito legítima de se modernizarem, os nossos profissionais da guerra dedicam-se de corpo e alma ao que é novo e vão deixando meio no olvido as velhas armas de outrora. Parece que ninguém mais se preocupa com os meios até há pouco imprescindíveis ao sucesso. Parece que se passou a atribuir apenas ao carro blindado, ao transporte anfíbio, aos mosquitos armados de bombas, aos canhões voadores anti-tanques, (...) a razão das vitórias. Essa preocupação pelo que é novo justifica-se, mas tornando-se exclusiva, faz-se perigosa.

Na guerra a vitória não é dada nem pela defensiva nem pela ofensiva e sim pela judiciosa combinação e o emprego oportuno dessas duas modalidades da batalha ou do combate. Numa ou noutra a vitória não é obtida por nenhuma arma, nova ou velha, e sim por todas elas. Por certo não se pode mais ser vencedor sem possuir boa, ou justa proporção, dos meios novos mais poderosos, mais resistentes, mais velozes, mais flexíveis, de maior raio de ação, menos vulneráveis às vistas e aos projéteis, etc. Por certo também, quem não dispuser dos velhos meios em boa, ou justa proporção, para preparar a ação dos novos recursos, para permiti-la ou para completá-la, também não usufruirá da vitória.

(...)

Aí estão as ideias que vos vêm ao espírito ao deparar no número da *Military Review*, (...) com um artigo, extraído do *Militar Wochenblatt* (...). A cavalaria moderna com que se preocupam, em 1943, alemães e americanos, ainda é a mesma cavalaria a cavalo de outrora, e o que relatam são fatos vividos na ofensiva germânica contra a Rússia em 1941, isto é, depois dos seus retumbantes êxitos de formações panzers e stukas em 1940! (MAGALHÃES, p. 16-17. Grifos do autor).

Após a descrição, com brevidade, de algumas das ações da cavalaria alemã em 1941, o autor propõe considerações sobre as condições geopolíticas e industriais do Brasil para fundamentar sua posição.

Num país como o nosso, de industrialização incipiente e ao qual falta o carvão necessário para a poderosa indústria de aço autônoma, as máquinas de guerra ficam e ficarão – não tenhamos ilusões – durante muito tempo dependentes de importação. No entanto, temos fartos recursos para dispormos de uma ótima infantaria e poderemos possuir – com certeza – mediante certas medidas que saibamos adotar, numerosa e excelente cavalaria. Não podemos fabricar e mover todas as

máquinas para o exército correspondentes à nossa população e ao nosso território, mas podemos ter quantos infantes quisermos e quantos cavalarianos almejarmos, cuidando de ter cavalos e forragens. Então, armadas e equipadas, instruídos por métodos objetivamente estudados a fundo, de modo a que adquiram a máxima capacidade ofensiva e defensiva, unidades de infantaria e cavalaria, poderão oferecer uma base sólida às nossas combinações táticas e estratégicas.

(...)

Fábricas são-nos úteis e imprescindíveis e devemos tê-las o mais possível. Mas campos e estabelecimentos de criação, cultivos de forragens, etc., tudo que serve a formação de uma boa infantaria e se possível melhor cavalaria, é tão útil ou mais ainda (MAGALHÃES, p. 22. Grifos do autor).

Assim como observado nas reflexões sob orientação francesa, o padrão dessa fase, emulada dos norte-americanos, também revela um lugar de reflexão, uma perspectiva bem delimitada. São os problemas mais relevantes aos militares brasileiros que orientam o filtro das traduções, ocasionando, por exemplo, numa seleção de artigos em defesa da cavalaria montada, ainda que eles fossem rarefeitos, naquele momento, na reflexão militar internacional. Esse “lugar de fala” fica nítido na apropriação dessas traduções para analisar problemas geográficos e materiais específicos da nossa condição, algo absolutamente natural e benfazejo. O ponto a salientar é, simplesmente, a necessidade de legitimar os argumentos a respeito de nossas próprias crises e processos internos em uma expertise estrangeira, de grande potência.

## 5 CONCLUSÃO

O artigo mostra, nos primeiros anos do recorte da pesquisa e mesmo após, o grau de dependência da intelectualidade militar brasileira com relação ao Exército francês, bem como a predisposição em buscar no exterior a emulação de doutrinas militares. Em justiça ao edifício militar brasileiro, devemos dizer que tal dependência era desdobramento de circunstâncias políticas e econômicas maiores, que contribuíam para vetar qualquer grau maior de autonomia intelectual militar nacional. Em diversos textos o problema da carência do parque industrial e da dependência de material são abordados, o que serve de fundamentação, inclusive, na defesa pela cavalaria montada em detrimento da motomecanização.

O resultado mais impressionante pode ser considerado a constatação da influência francesa para além da queda da França, embora haja críticas à sua doutrina. Impressionante foi, porém, constatar que a guerra no Front Oriental serviu de base para arguições conservadoras que, aparentemente, haviam sido caladas nos anos iniciais do conflito.

O artigo buscou, ademais, esclarecer o perfil das influências que marcaram as publicações do período. O ano de 1941, em contraste com 1939 e 1940, apresenta

uma quantidade elevadíssima de textos referentes ao blindado, à *Blitzkrieg*, ao papel da aviação na combinação de armas e à Segunda Guerra como um todo. Neste ano, a produção majoritária foi nacional, diferente de todos os demais, onde predominam traduções de trabalhos estrangeiros. Essa quantificação aponta claramente para um vazio deixado pela influência francesa nesse momento, então ocupado pelas reflexões brasileiras. No ano seguinte, esse espaço começaria a ser novamente ocupado por uma potência militar, os Estados Unidos, que estreitavam laços com o Brasil, culminando na aliança militar celebrada em maio de 1942.

Os debates analisados revelam conflitos intensos no âmago do Exército brasileiro, opondo militares de gerações distintas, revelando a luta da instituição militar para conservar e inovar, processo por demais agônico e quase sempre catalisado, com ferocidade, pelos grandes conflitos.

Observamos grande produção intelectual e grande interesse pelas inovações, apesar das dificuldades do país em transpor as barreiras da teoria à prática. Salientamos que, se há alguma tendência predominante nas reflexões brasileiras, ela é de cunho mais conservador que inovador, e que a maioria dos artigos orientados por perspectivas mais modernas, a partir de 1942, foram oriundos das Forças Armadas dos EUA.

Não obstante, há discussões relevantes sobre os problemas trazidos pela guerra em relação às condições do Exército e sua estreita ligação com a geopolítica nacional. Essas discussões revelam muito do que era nosso exército naquele momento, muito do que a 2ª Guerra Mundial representou para a instituição militar brasileira e, por fim, muito do que o maior conflito da história da humanidade nos deixou de legado para pensarmos nossos problemas militares à luz de nossas deficiências e problemas históricos.

A reflexão emulada das revistas norte-americanas nesse momento está preponderantemente vinculada às experiências da guerra. São artigos buscando apreender, daqueles campos de batalha, as chaves para a própria reformulação das Forças Armadas norte-americanas, implementada em meio ao protagonismo demandado do país pela conjuntura do conflito.

Por essa razão, muitos artigos discutem as realizações alemãs. De fato, naquele momento, a catarse em relação à doutrina era geral. Assim, a influência norte-americana, identificada pela pesquisa, não se define por uma emulação objetiva de doutrina norte-americana, mas de perspectivas e reflexões dos intelectuais militares daquele país acerca dos fenômenos da guerra em curso, que geravam igual inquietação entre os brasileiros. Fica nítido, principalmente quando observados os anos de 1941 e 1942 em sequência, através das publicações da revista brasileira, que os norte-americanos não estavam em situação muito diferente daquela em que se encontravam os brasileiros no tocante ao fenômeno da *Blitzkrieg* e às transformações militares que a seguiram.

Mais importante que o conteúdo dessas reflexões é a aposta da publicação brasileira em traduzir boa parte desses textos, depositando uma já bem identificável confiança na condução dos norte-americanos. As razões para essa confiança passam por muitas dimensões, mas cabe aqui ressaltar, sem dúvida, a necessidade de a intelectualidade militar nacional preencher o vazio deixado pelos franceses, mesmo que por uma nação que ainda não se provara à altura nos campos de batalha, algo que faria no futuro imediato.

São constatados aqui também dois movimentos contraditórios, mas coerentes com o que se conhece sobre instituições militares. O primeiro é a defesa de uma doutrina enraizada por duas décadas e que formou toda uma geração de oficiais, a primeira considerada profissional pela literatura. O segundo diz respeito à busca por novas fontes de orientação doutrinária, agora na figura do novo parceiro militar que, diferente dos franceses, em 1919, não emergira de uma escolha autônoma, mas dos condicionamentos sistêmicos internacionais, implacáveis com as nações periféricas.

## REFERÊNCIAS

A AÇÃO da 1ª Panzer Division no Começo de Maio de 1940. Tradução Durval de Magalhães Coelho. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 330, ano XXVIII, nov. de 1941a. p. 73-94.

A GUERRA Mecânica. Tradução Luis Flamarion Barreto Lima. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 317, ano, XXVII, outubro de 1940. p. 113-119.

A OFENSIVA e a Defensiva com Engenheiros Blindados. Tradução Armando Pereira de Vasconcelos. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 295, ano XXV, dezembro de 1938. p. 41-56.

A RUPTURA de Sedan. Tradução Durval de Magalhães Coelho. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 327, ano XXVIII, agosto de 1941. p. 131-150.

ALVES, V. C. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

AS GRANDES Unidades Mecanizadas na Polônia. Tradução Malvino Reis Neto. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 313, ano XXVII, junho de 1940. p. 34-38.

CARTIER, R. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil – Paris Match, 1967.

CARVALHO, J. M. de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CITINO, R. M. **Blitzkrieg to Desert Storm**: the evolution of operational warfare. Lawrence, KS: University Press of Kansas, 2004.

DOMINGOS NETO, M. Gamelin, o modernizador do Exército. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 3, n. 4, p. 219-256, jan/jun. 2007.

GIBELLI, N. J. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Codex Ltda., 1966.

GUDERIAN, H. **Achtung Panzer!** Rio de Janeiro: Bibliex, 2009.

LOURO, J. M. M. **“O Cavalo ou o Motor”**: Análise do Processo de Motomecanização no Exército Brasileiro (1921-1942). 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos)-Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2011.

MAGALHÃES, J. B. **A evolução militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

MAGALHÃES, J. B. Os Reajustamentos da Doutrina. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 357, ano XXXI, fevereiro de 1944. p. 89-108.

MCCANN, F. D. **Soldados da pátria: história do Exército Brasileiro (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras e Bibliex, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937/1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MIRANDA, J. S. **A ECEME no contexto Histórico de 1905 a 1920**: ideias, valores, relacionamentos, com a sociedade, eventos políticos, sociais, econômicos e militares. Rio de Janeiro: ECEME, 2002.

MORAIS, J. R. G. de S. **A intelectualidade militar brasileira e sua reflexão sobre a Blitzkrieg n’A Defesa Nacional**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos)-Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2014.

MOURÃO FILHO, Olympio. Reflexões sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 338, ano XXIX, julho de 1942. p. 71-76.

MOURA, G. **Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

O COMBATE contra os Engenheiros Couraçados. Tradução Onofre Gomes de Lima. **A Defesa Nacional**, Rio de

Janeiro, n. 297, ano XXVI, fevereiro de 1939. p. 9-15.

PRINCÍPIOS que regem as Operações Alemãs. Tradução Henrique B. T. Lott. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 333, ano XXIX, fevereiro de 1942a. p. 9-23.

UNIDADES Blindadas no Caminho da Vitória. Tradução Henrique B. T. Lott. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 332, ano XXIX, janeiro de 1942. p. 17-22.

VASCONCELOS, A. P. de. As Novidades da Guerra Atual. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 334, ano XXIX, março de 1942. p. 107-115.

WILLIAMS, J. **França-1940, a catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.

**Recebido em 18 de janeiro de 2016**

**Aprovado em 06 de maio de 2016**

#### **Indicação de Responsabilidade**

*O conceito de autoria adotado pela CMM está baseado na contribuição substancial de cada uma das pessoas listadas como autores, seguindo as categorias abaixo:*

- (1) Concepção e projeto ou análise e interpretação dos dados;*
- (2) Redação do manuscrito ou;*
- (3) Revisão crítica relevante do conteúdo intelectual.*

*Com base nestes critérios, a participação dos autores na elaboração deste manuscrito foi:*

*João Rafael Gualberto de Souza Morais - 1, 2 e 3*

*Vágner Camilo Alves - 1, 2 e 3*